

CORPO E MENTE NO MUNDO: DA IMATERIALIDADE À COGNIÇÃO CORPORIFICADA NA LINGUÍSTICA COGNITIVA

Luciana Oliveira ATANÁSIO¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar como as acepções sobre mente e corpo se relacionam com o panorama histórico dos estudos em Linguística para se compreender o surgimento da Linguística Cognitiva, o aprofundamento da teoria e seus desdobramentos recentes. Para isso, discute-se a passagem de uma visão dualista, marcada pela separação entre razão e corpo, para uma concepção de cognição corporificada, em que a experiência sensório-motora e o contexto sociocultural são fundamentais para a construção do significado. A análise percorre momentos-chave da história da Linguística até a chamada Segunda Revolução Cognitiva, que desafiou a visão de separação entre linguagem e experiência vivida, bem como a ideia de uma mente abstrata e desvinculada do corpo, o que mostrou os limites das abordagens formais e a emergência de uma perspectiva que concebe a linguagem como parte integrante dos processos cognitivos. Nesse percurso, são discutidas as contribuições de autores como Platão, Descartes, Kant, Merleau-Ponty, Lakoff e Johnson, entre outros, cujas reflexões influenciaram decisivamente a reconfiguração epistemológica que sustenta a Linguística Cognitiva e que representa uma mudança paradigmática ao considerar que o conhecimento é linguisticamente situado e mediado pela interação entre mente, corpo e mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Cognitiva. Corporeidade. Mente e Corpo. Significação.

BODY AND MIND IN THE WORLD: FROM IMMATERIALITY TO EMBODIED COGNITION IN COGNITIVE LINGUISTICS

ABSTRACT: This article aims to analyze how conceptions of mind and body relate to the historical landscape of Linguistics studies in order to understand the emergence of Cognitive Linguistics. To this end, it discusses the transition from a dualist view, marked by the separation between reason and body, to an embodied conception of cognition, in which sensorimotor experience and sociocultural context are fundamental to meaning construction. The analysis traces key moments in the history of Linguistics, from Structuralism and Generativism to the so-called Second Cognitive Revolution, which challenged the view of a separation between language and lived experience, as well as the notion of an abstract mind disconnected from the body. This

¹ Doutoranda em Linguística – UFPB/Proling; Mestra em Estudos de Linguagem – UFPI. Graduada em Letras-UESPI. Graduada em Pedagogia – UEMA. Docente de Língua Portuguesa no Instituto Federal do Maranhão – Campus Codó. E-mail: <luatanasio@gmail.com>; <luciana.atanasio@ifma.edu.br>.

shift highlights the limitations of formal approaches and the rise of a perspective that sees language as an integral part of cognitive processes. Along this trajectory, the article discusses contributions from authors such as Plato, Descartes, Kant, Merleau-Ponty, Lakoff, and Johnson, among others, whose reflections decisively influenced the epistemological reconfiguration that underpins Cognitive Linguistics and represents a paradigmatic shift in considering knowledge as linguistically mediated and shaped by the interaction between mind, body, and world.

KEYWORDS: Cognitive Linguistics. Embodiment. Mind and Body. Meaning-making

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar como as concepções de mente e corpo, ao longo da história da filosofia e da linguística, contribuíram para o surgimento e a consolidação da Linguística Cognitiva (LC) como campo teórico a partir da concepção da mente corporificada até se chegar à cognição situada. Ao retomar a trajetória das ideias que separam (ou aproximam) cognição e corporeidade, busca-se compreender de que forma a noção de cognição corporificada rompe com o paradigma dualista moderno e oferece novas bases para se pensar a linguagem como fenômeno enraizado na experiência vivida.

Essa investigação parte de um panorama histórico que atravessa a tradição filosófica ocidental, desde a Antiguidade até os desdobramentos mais recentes das Ciências Cognitivas (CC), destacando momentos relevantes que marcaram a transição da mente abstrata e desincorporada para uma concepção situada, encarnada e interativa na cognição. Nesse percurso são debatidos os aportes epistemológicos que sustentam a LC a partir da contribuição de autores que formularam os estudos iniciais na área até os expoentes mais recentes.

Ao centrar-se nos fundamentos da LC e se debruçar sobre as contribuições da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), e das teorias relacionadas aos estudos cognitivos, este trabalho também apresenta como os conceitos abstratos que organizam a experiência humana são estruturados por meio de vivências corpóreas e culturais. Vê-se então que a relevância desse estudo reside na articulação entre linguagem, cognição e corporeidade, oferecendo subsídios para compreender o

percurso da LC e sua integração a outros campos de estudo. Nesse sentido, vale-se dos estudos de autores como Lakoff e Jonhson (2002 [1981]), Gibbs (1994), Goatly (1997), Ferrari (2011), Fauconnier e Turner (2002), dentre outros que trouxeram contribuições para a consolidação e expansão da LC.

Nesse contexto, o artigo contribui para os estudos da linguagem e áreas afins ao reforçar a importância de abordagens interdisciplinares que consideram a experiência sensível e social como elementos cênicos na constituição do significado. A LC, ao integrar corpo, mente e mundo na análise dos fenômenos linguísticos, oferece um paradigma teórico para se pensar tanto o funcionamento da linguagem quanto os modos como os sujeitos constroem e compartilham conhecimento em contextos culturais específicos.

EPISTEMOLOGIAS DA RELAÇÃO MENTE E CORPO NO MUNDO

“Não há alternativa ao conhecimento que não seja a apreensão, pela linguagem, dos objetos da realidade” (Leite, 2014, p. 63).

A citação que abre essa sessão aponta à função cêntrica da linguagem na construção do conhecimento humano. Essa perspectiva sintetiza a proposição de que todo conhecimento que se produz sobre o mundo depende, necessariamente, da mediação linguística. Os objetos da realidade, sejam concretos ou abstratos, não são simplesmente percebidos ou assimilados de forma direta pela mente, mas se tornam cognoscíveis à medida que são nomeados, descritos, organizados e interpretados por meio da linguagem. Conhecer, portanto, é um processo de produção de sentido em que os sistemas linguísticos, historicamente situados e socialmente compartilhados, operam como formas coletivas de significação e negociação simbólica, inserindo o sujeito no mundo por meio das práticas discursivas.

Sendo assim, a cognição humana se refere aos processos mentais envolvidos no conhecimento, percepção, memória, raciocínio e tomada de decisões do indivíduo. E entender como ela

ocorre, como o ser humano processa informações e reage ao mundo ao seu redor é um dos desafios centrais não apenas das CC, mas também da Linguística e da Filosofia (assim como também de outras ciências em intersecção) na busca por compreender a relação entre mente, corpo e mundo.

A mente é inherentemente corporificada. O pensamento é, em sua maioria, inconsciente. Conceitos abstratos são, em grande parte, metafóricos. Essas são três das principais descobertas da ciência cognitiva. Mais de dois milênios de especulação filosófica a priori sobre esses aspectos da razão terminaram. Por causa dessas descobertas, a filosofia jamais poderá ser a mesma (Lakoff; Jonhson, 1999, p. 3, tradução própria)²

Tais afirmações se encontram na introdução da obra Lakoff e Johnson, *Philosophy in the Flesh*, e exprimem o fundamento de uma virada epistemológica no campo das CC. A abordagem tradicional, centrada na lógica formal e na abstração desvinculada da experiência, deu lugar a uma investigação ancorada em dados empíricos e sensíveis à corporeidade. Esse novo paradigma desafia pressupostos fundamentais da filosofia ocidental e exige uma nova concepção do que significa ser humano, do que significa pensar, conhecer e interagir.

Quando se analisa a historiografia dos estudos³ da relação mente e corpo, vê-se que a concepção de separação dessas entidades foi amplamente consolidada e referendada nos estudos de tradição filosófica. Na Grécia Antiga, filósofos como Platão (c.428/427 a.C. – c.348/347 a.C) e Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C) já discutiam a natureza do conhecimento e da mente. Platão, em sua *Teoria das Formas*, sugeria que o conhecimento verdadeiro derivava de ideias abstratas. Sua con-

² The mind is inherently embodied. Thought is mostly unconscious. Abstract concepts are largely metaphorical. these are three major findings of cognitive science. more than two millennia of a priori philosophical speculation about these aspects of reason are over. Because of these discoveries, philosophy can never be the same again.

³ Para situar temporalmente certos acontecimentos e referências, optou-se por indicar o ano de nascimento e de morte de alguns autores mencionados nessa sessão.

cepção do *Mundo das Ideias* postulava a separação entre mente e corpo, argumentando que a verdade só poderia ser alcançada por meio da contemplação das formas, o que exigia a consciência dessa distinção.

Ainda na Antiguidade, Aristóteles destacou a experiência sensorial e a lógica como fundamentos do pensamento. Esse pensador trouxe uma teoria que ligava mente e corpo para se chegar ao conhecimento através dos sentidos e da razão. Nela a cognição é analisada como um processo que envolve a interação de diferentes faculdades da alma, a percepção sensível e a abstração intelectual.

Essas concepções balizaram os estudos sobre cognição que, na Idade Média, sob a égide da Teologia, tiveram nos filósofos escolásticos, como Tomás de Aquino (1225-1274), a tentativa de conciliar a filosofia grega com a doutrina cristã. Esse esforço explorava o papel da mente como instrumento à compreensão do divino e de verdades universais, refletindo o viés metafísico e religioso daquele período.

Na Idade Moderna, o Renascimento, com uma proposta de contraponto à teologia do medieval, trouxe mudanças significativas nos estudos sobre cognição ao colocar, a partir do Humanismo, a experiência humana no cerne do conhecimento. Descartes (1596 –1650), com seu famoso *cogito ergo sum*, enfatizou a dúvida metódica e a introspecção como caminhos para o conhecimento, inaugurando o estudo moderno da mente. Ele defendia que mente e corpo eram substâncias distintas e independentes: a mente, uma substância pensante e imaterial; o corpo, uma substância física e não pensante. Esse dualismo influenciou cabalmente o desenvolvimento das ciências modernas, que mais adiante, em Durkheim (1858-1917), ressoaria em uma distinção entre os aspectos sociais e emocionais do pensamento e os componentes cognitivos e racionais do indivíduo.

No século XVIII, Immanuel Kant (1724-1804) adotou uma abordagem intermediária, rejeitando tanto o dualismo cartesiano estrito quanto o monismo que considera mente e corpo uma

única substância. Em sua teoria, distinguiu fenômeno (aquilo que é observável) de númeno (a realidade em si, independente da percepção humana). Para Kant (2006 [1781]), a experiência do mundo é mediada pela mente por meio de categorias e formas a priori do entendimento, que organizam as percepções sensoriais e possibilitam a compreensão do espaço ao redor. Essas formulações influenciaram estudiosos como Von Humboldt (1769-1859), no século XIX, que por sua vez adotou a ideia de que a estrutura inata da mente molda a percepção e a compreensão do mundo.

Kant também influenciou os trabalhos de Wilhelm Wundt (1832-1920), que fundou o primeiro laboratório de psicologia em 1879, e é conhecido como pai da Psicologia Experimental. A partir daí, a Psicologia começou a se consolidar como uma ciência empírica, analisando processos mentais por meio de experimentos controlados e propondo métodos para o estudo da mente humana. Wundt via a mente como um sistema complexo (essa visão antecipava o que viria a ser o princípio de que a língua molda a percepção da realidade, uma proposta que seria desenvolvida posteriormente por teóricos como Sapir e Whorf), mas ainda mantinha uma separação entre o mental (subjetivo) e o físico (objetivo), refletindo mais uma vez a dualidade cartesiana mente-corpo.

O behaviorismo, com Skinner (1904-1990), surgiu como uma reação às abordagens introspectivas da Psicologia, enfatizando o estudo empírico e objetivo do comportamento observável. No entanto, sua incapacidade de explicar fenômenos complexos, como a aquisição da linguagem e a resolução de problemas, gerou insatisfação entre os estudiosos da época. Esse cenário foi um dos principais fatores determinantes à *Primeira Revolução Cognitiva* (décadas de 1950 e 1960), com o surgimento das CC, nascidas como resposta às limitações do behaviorismo na compreensão dos processos mentais.

As CC podem ser definidas como um conjunto de esforços que buscam compreender os processos mentais, a natureza do conhecimento, seu desenvolvimento e seu emprego em contextos diversos. Essa *revolução* foi marcada pelo surgimento do Gerativismo⁴, tido como uma das primeiras e mais influentes correntes desse novo paradigma cognitivo. Proposto por Noam Chomsky (1928-), este campo rompe com o behaviorismo ao afirmar que a linguagem não pode ser explicada apenas por condicionamento e associação de estímulos, mas exige a postulação de estruturas mentais inatas que possibilitam ao ser humano gerar e compreender uma variedade infinita de enunciados através da acepção de que a gramática subjacente à linguagem é universal e incorporada biologicamente no que se chamou de *faculdade da linguagem*.

Essa proposta inaugurou uma nova forma de se pensar a linguagem, enfatizando seu caráter criativo e a existência de um conhecimento linguístico tácito, comum a todos os falantes, mesmo sem instrução formal (a Gramática Universal). A partir disso, a linguagem passou a ser investigada como uma expressão privilegiada das capacidades cognitivas humanas, estabelecendo um elo entre cognição e estrutura linguística, mas este viria a ser tensionado e questionado em estudo posteriores por limitações explicativas, sobretudo no que diz respeito ao papel da experiência, do corpo e do contexto sociocultural na constituição do significado, o que impulsionou o surgimento de abordagens como a LC.

PARADIGMAS DA LINGUÍSTICA COGNITIVA

No Gerativismo, a cognição é concebida como modular e autônoma, quer dizer que está opera independentemente de outros domínios da experiência humana. A linguagem, nessa perspectiva, é estudada a partir de regras formais e estruturas abstratas. E embora tenha sido um mar-

⁴ O Gerativismo herdou parte da terminologia e sistematicidade do Estruturalismo, mas rompeu com ele ao introduzir uma perspectiva mentalista e inatista sobre a linguagem.

co na constituição das CC, essa teoria passou a ser criticada nas décadas seguintes por sua dissociação entre linguagem e experiência. Como explica Leite (2014), mesmo não explicitando a separação entre mente e corpo em sua base teórica, essa corrente opera com uma visão internalista e formalista da mente, que acaba abstraindo a cognição da corporeidade e da experiência vivida.

Em resposta às limitações dessa abordagem, especialmente no âmbito da Semântica Gerativa, emergiu nas décadas de 1970 e 1980 a chamada *Segunda Revolução Cognitiva* (ou Revolução Cognitiva Corporificada), contexto no qual se desenvolveu a LC. A Semântica Gerativa, baseada na Semântica Clássica, buscava vincular as chamadas estruturas profundas da linguagem à forma lógica, operando com base em condições de verdade objetivas. No entanto, esse modelo mostrou-se limitado diante de significados que envolviam inferências, experiências subjetivas e contextos culturais.

Como alternativa consolidaram-se abordagens que entendem o significado como resultado de processos cognitivos baseados na experiência, na corporeidade e na interação com o ambiente. Nesse panorama, a LC propõe que o sentido é construído a partir da relação entre linguagem, mente e mundo. Assim, como aponta Ferrari (2011), a LC comprehende a cognição como elemento cêntrico para a construção do significado, enfatizando que a linguagem não espelha o mundo, mas contribui para sua interpretação e representação.

Como explicado por Ferrari (2011) e Ferrari e Pinheiro (2020), diferente do Gerativismo, a LC enfatiza o papel da experiência sensorial, conceitual e social na compreensão da linguagem. A linguagem, nesse contexto, integra processos cognitivos mais amplos, nos quais as estruturas linguísticas estão relacionadas à forma como os indivíduos percebem e interagem com o ambiente, o que leva à ênfase na integração entre mente e corpo no mundo.

A LC consolidou-se nos Estados Unidos com obras fundamentais tais como *Metaphors We Live By*, de Lakoff e Johnson (1980), na qual apresenta-se a Teoria da Metáfora Conceptual que explica que as metáforas são estruturas cognitivas fundamentais que moldam o pensamento e a linguagem com base na experiência; *Foundations of Cognitive Grammar*, de Langacker (1983), que introduz a Gramática Cognitiva, na qual o autor apresenta que as categorias gramaticais refletem operações cognitivas gerais; *Frame Semantics*, publicado na coletânea *Linguistics in the Morning Calm*, em que Fillmore (182) desenvolve a Semântica de Frames, propondo que o significado das palavras depende de estruturas cognitivas chamadas *frames*, que seriam redes de conhecimento enciclopédico que contextualizam e organizam a interpretação linguística. E *Women, Fire and Dangerous Things*, de Lakoff (1987), que aborda diversos conceitos relevantes aos estudos na LC como o Experiencialismo, Modelos Cognitivos Idealizados (MCI), Teoria dos protótipos e Categorias Radiais.

Silva (1997) define a LC como:

Uma abordagem da linguagem perspectivada como meio de conhecimento e em conexão com a experiência humana do mundo. As unidades e as estruturas da linguagem são estudadas, não como se fossem entidades autônomas, mas como manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual (Silva, 1997, p.18).

Em vez de estudar as unidades e estruturas da linguagem como entidades autônomas, a LC as analisa como manifestações de capacidades cognitivas gerais, incluindo organização conceitual, princípios de categorização e mecanismos de processamento das experiências dos indivíduos. Isso significa que ela examina a linguagem como um meio de conhecimento interligado à experiência humana, buscando correspondências entre o pensamento conceitual, a experiência corpórea e a estrutura linguística. Além disso, procura identificar os conteúdos da cognição por meio da análise sistemática da estrutura e do uso da linguagem.

Feltes (2010) esclarece que enquanto outras disciplinas cognitivas reconhecem a mediação da experiência humana por meio de estruturas mentais, a LC se distingue ao considerar a linguagem como parte integrante da cognição em interação com outros sistemas cognitivos como percepção, atenção, memória e raciocínio.

Esse ramo de estudos foi influenciado por diversas áreas do conhecimento como a *Psicologia Cognitiva*, que com Piaget e Vygotsky, contribuiu com apontamentos sobre o desenvolvimento da linguagem na mente humana destacando a importância do aprendizado e da interação social; a *Filosofia da Linguagem*, com Wittgenstein e Austin, trouxe reflexões sobre a natureza da linguagem; enquanto a *Filosofia da Mente*, com Searle, possibilitou debates sobre consciência e intencionalidade na comunicação linguística; a *Antropologia Linguística*, com Sapir, contribuiu ao demonstrar como a linguagem molda a percepção da realidade e influencia a cultura. Essas intersecções forneceram à LC uma base multidisciplinar para compreender a natureza e o funcionamento da linguagem.

Como visto, a LC é um campo relativamente novo em comparação a outros ramos da Linguística. No Brasil, conforme dados da Plataforma Sucupira⁵, a primeira dissertação acadêmica vinculada a essa área data de 1987⁶. E somente a partir dos anos 2000 as pesquisas nesse campo se expandiram com maior proeminência, todavia essa abordagem ainda não é amplamente contemplada na maioria dos manuais de Linguística, o que se deve em parte, como a dois fatores principais: primeiro, a consolidação da Gramática Gerativa como paradigma dominante na Linguística dificultou a inserção da LC nos materiais didáticos. Em segundo lugar, a LC inicialmente desenvolveu-se

⁵ A Plataforma Sucupira é um sistema online mantido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), vinculado ao Ministério da Educação (MEC) do Brasil. Ela foi criada para gerenciar e acompanhar os dados dos programas de pós-graduação *stricto sensu* (mestrados e doutorados) reconhecidos oficialmente no país.

⁶ GURGEL, Maria Cristina Lirio. Marcadores linguísticos da categoria semântica do tempo. 1987. 215 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1987. Biblioteca depositária: PUC-Rio.

em maior proximidade com a Psicologia o que retardou sua integração como um campo consolidado na área dos estudos linguísticos (Geeraerts, 2006; Kovecses, 2002).

Dentre as teorias que estruturam a LC destaca-se duas teorias principais: a Tese da Mente Corporificada (*Embodied Mind Thesis, EMT*) e a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC). A EMT explora como os processos cognitivos estão conectados às interações físicas com o mundo. Já a TMC enfoca o papel das metáforas como processos fundamentais para o pensamento e compreensão do mundo, estruturando ideias abstratas a partir de experiências corporais e sensoriais. Juntas, essas teorias estabelecem que a cognição é influenciada pelo corpo e pelas experiências concretas. Essa perspectiva desloca a concepção de mente de uma visão imaterial e universal para uma visão encarnada e dependente da experiência.

As ciências modernas em sua gênese estavam relacionadas ao distanciamento entre o sujeito que conhece e o objeto conhecido, princípio fundamental do Racionalismo e do Empirismo nos séculos XVII e XVIII. Nesse paradigma, a ciência foi construída sob a premissa de que era possível, e até necessário, manter uma neutralidade objetiva entre o cientista e o fenômeno estudado. Isso levou a abordagens mecanicistas e reducionistas, tratando o ser humano e suas interações com o ambiente como sistemas isolados, passíveis de análise objetiva e separados de seu contexto.

Pelosi (2014) explica que na área das CC esse paradigma deu origem, na primeira metade do século XX, a duas grandes vertentes: o *Cognitivismo* (do qual faz parte o Gerativismo) e o *Conexionismo*. Enquanto o Cognitivismo aborda modelos teóricos baseados em representações simbólicas e regras, o Conexionismo busca descrever a cognição em termos computacionais mais próximos da neurobiologia. Entretanto, partir da década de 1980, com a LC, esses modelos passaram a ser desafiados com mais força no contexto das transformações paradigmáticas das ciências que enfatizavam a inseparabilidade entre mente e corpo, abrindo espaço para os estudos sobre cognição corporificada.

Contextualmente, essa perspectiva de cognição interrelaciona-se aos questionamentos filosóficos como os de Heidegger (1889-1976), que ao aprofundar no *Existencialismo* critica a separação cartesiana entre sujeito e objeto, preconizando que na interação entre o homem e o mundo é que a realidade se dá; com o *Pragmatismo* de Dewey (1859-1952)⁷, que se ancora na experiência como interação contínua entre o organismo e o ambiente; e com a *Fenomenologia* de Merleau-Ponty (1908-1961), em que o corpo é o meio pelo qual o ser se relaciona com o mundo.

Assim, como já explanado, a concepção contemporânea de cognição, na qual a LC se insere, rompe com modelos puramente mentais e individualistas. Adota-se uma abordagem situada e corporificada na qual os significados são construídos coletivamente a partir das práticas sociais e das experiências vividas. Essa perspectiva, que articula corpo, cognição e linguagem, ofereceu um novo horizonte teórico para os estudos linguísticos.

CORPOREIDADE E EXPERIENCIALISMO

Fazer um recorte sobre os estudos a cerca da corporeidade⁸ é um desafio diante de tantas propostas e escritos que se mostram relevantes e necessários sobre o tema, mas nesse trabalho faz-se o esforço de abordar corporeidade sob o prisma da cognição e sua relevância aos estudos situados. Não se pretende esgotar o assunto, mas tenta-se trazer inferências que relacionem o ser e sua convergência com o ambiente a partir de vertentes que se ligam aos estudos linguísticos.

A discussão sobre o corpo evoca múltiplos sentidos uma vez que estudá-lo e compreendê-lo é um tópico que permeia vários campos do saber que debatem a corporeidade tanto em uma dimensão literal e física, quanto em formas mais abstratas e simbólicas. Essa discussão refere-se à trajetória histórica do conceito de corpo e à forma como ele é sentido e percebido.

⁷ John Dewey inspirou o movimento Escola Nova, nas duas primeiras décadas do século XX. Esse movimento ganhou força no Brasil na década de 1930 e 1940.

⁸ Traduzido do inglês *embodiment*: corporeidade, corporalidade e encarnado. Há discussões teóricas sobre os sentidos que essa palavra pode ter em português. Na linguística pesquisadores em geral veem os termos como sinônimos, mas alguns autores preferem, por questões metodológicas, relacioná-los como completares e não sinônimos.

No decurso dos estudos científicos, o corpo foi com frequência subordinado à mente ou à alma sendo algo a ser controlado ou transcendido. Contudo, com as perspectivas teóricas contemporâneas, o corpo⁹ passou a ser considerado em relação à mente para a constituição da experiência humana.

A fenomenologia de Merleau-Ponty (1999 [1945]) apresenta o corpo não como um objeto no mundo, mas como condição para a experiência nele. Introduz o conceito de corpo vivido (*corps vécu*), segundo o qual a percepção é mediada pela corporeidade, sendo esta a própria base do conhecimento. Em contraste com visões tradicionais, propõe que fala e corpo são inseparáveis no processo de significação, pois o corpo é um meio ativo de expressão por intermédio do qual o mundo é experienciado e conceptualizado. A fala, nesse sentido, é intrínseca ao ato de pensar, sendo a palavra tanto veículo quanto parte integrante do próprio pensamento. O mundo, nessa perspectiva, não é uma realidade absoluta e independente, nem mera projeção subjetiva, mas um campo de sentido construído pela interação entre experiências individuais e compartilhadas, subjetivas e intersubjetivas.

Com base nessas formulações, a cognição corporificada compreende a mente como resultado das interações entre dimensões integradas da experiência. Essa perspectiva é fortalecida por Lakoff e Johnson (2002 [1980]), ao afirmarem que a maneira como os seres humanos organizam o pensamento e compreendem o mundo está ancorada nas percepções construídas a partir da experiência corpórea. Essas vivências fornecem os modelos metafóricos que possibilitam a compreensão

⁹ CSORDAS traz um panorama sobre os estudos do corpo que se fizeram crescentes principalmente a partir da década de 1970 mostrando que este assumiu uma presença viva na cena antropológica e no palco dos estudos culturais interdisciplinares: na teoria feminista, crítica literária, história, religião comparada, filosofia, sociologia e psicologia. Esse interesse pelo corpo pode ser explicado por sua centralidade contemporânea nas formas sociais ocidentais, também pode ser devido ao momento histórico que foca nas redefinições de como os corpos se organizam socialmente. Para saber mais: CSORDAS, Thomas J. Introduction: the body as representation and being-in-the-world. In: CSORDAS, Thomas J. (Org.). *Embodiment and experience: The existential ground of culture and self*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. p. 1-24.

de conceitos abstratos, por meio de projeções e esquemas corporificados, que estruturam as categorias conceituais.

A EMT de Lakoff e Johnson (2002 [1980]), define o Experiencialismo (ou Realismo Encarnado/Corporificado ou *Embodied Realism*) ao sustentar que cognição e linguagem estão ancoradas na experiência física e cultural. Para Varela, Thompson e Rosch (2003 [1991]), o significado emerge da interação entre os elementos constitutivos da experiência. Essa perspectiva concebe o corpo como entidade fenomenológica: o modo como o ser sente, percebe e interage não depende de um conhecimento racional sobre o funcionamento do corpo, mas da experiência subjetiva e incorporada da realidade. O foco não está no corpo isolado, mas em um ser corporificado que interage com o mundo, moldando sua experiência e atribuindo significados às vivências (Feltes, 2010).

Pelosi (2014) explica que:

Segundo o experiencialismo, o pensamento é mais do que uma manipulação de símbolos abstratos; apresenta uma estrutura ecológica no sentido de que a eficiência do processamento cognitivo depende da estrutura global do sistema conceptual e não simplesmente de operações entre símbolos discretos (Pelosi, 2014, p. 23).

Essa proposição amplia a compreensão da natureza do pensamento humano, considerando-o estruturado na *perspectiva ecológica*. Essa perspectiva entende a cognição como um sistema integrado, no qual múltiplos componentes: corpo, ambiente, memória, percepção e linguagem, interagem e se integram para produzir sentido. Em vez de considerar a mente como um processador isolado de informações, o modelo ecológico concebe o pensamento como dependente do acoplamento entre sujeito e mundo, sendo influenciado pelo contexto, pelas práticas sociais e pelas ferramentas simbólicas utilizadas na interação. Isso significa que a eficiência do processamento cognitivo depende da organização global do sistema conceptual, que não se limita a categorias mentais estáticas, mas inclui esquemas, metáforas cognitivas e padrões recorrentes explicitados nos trabalhos de Lakoff e Johnson (2002 [1980]), Lakoff (1987) e Lakoff e Johnson (1999).

Salomão (1999) reforça essa concepção ao afirmar que a relação entre sujeito e mundo não é passiva, mas um processo contínuo de criação de conhecimento. A interação com outros sujeitos e com o ambiente permite a elaboração constante de novas interpretações, mostrando a multiplicidade de perspectivas possíveis. A autora destaca que a linguagem, como herança da espécie humana, possibilita a produção de infinitas representações que permitem conhecer-se, comunicar-se e ajustar as percepções ao contexto, conectando-as a saberes prévios e produzindo novas formas de entendimento.

O SER E O MUNDO NA COGNIÇÃO CORPORIFICADA

A cognição, longe de ser um processo exclusivamente interno, é compreendida como uma prática situada, emergente da interação social cotidiana e de contextos organizacionais específicos (LAVE, 1988). Nesse entendimento, as práticas cognitivas são moldadas por contextos sociais estruturados metaforicamente com base em experiências compartilhadas. As metáforas conceptuais, por conseguinte, não são criações individuais, mas construções coletivas que se estabilizam ou se transformam nas interações sociais.

A metáfora conceptual, tal como formulada por Lakoff e Johnson (2002 [1980]), é proeminente na LC ao demonstrar que os conceitos abstratos usados para se pensar e se comunicar se baseiam em estruturas metafóricas derivadas da experiência corporal e sensório-motora. Antes vistas como meras figuras de linguagem, as metáforas passaram a ser compreendidas como processos cognitivos essenciais que estruturam o pensamento, a linguagem e a ação. Ao revelar como as construções metafóricas moldam as interpretações do mundo, a TMC evidencia que pensar é, em grande parte, metaforizar, e isso implica reconhecer a função primordial da experiência na formação dos conceitos. A categorização, nesse sentido, tanto mostra a realidade objetiva, quanto a interpreta e a constrói, revelando sua natureza perspectivante e perspectivadora (Silva, 1997; Silva; Batoreó, 2010).

A categorização é definida por Lakoff (1987) como um processo cognitivo basilar que abrange tanto os objetos físicos quanto os eventos, emoções e relações sociais. Rejeitando a visão aristotélica clássica baseada em propriedades comuns, ele adota a perspectiva de Rosch (1978), para quem as categorias são organizadas em torno de protótipos, que são modelos centrais de referência. Como explica Geeraerts (2006) essa concepção rompe com a separação rígida entre conhecimento semântico (linguístico) e conhecimento enciclopédico (cultural e contextual).

Lakoff (1987) explica ainda que a categorização é moldada por capacidades corporais, como percepção e imaginação, sendo o significado resultado da interação entre o conceptualizador e o mundo. Essa concepção é articulada por meio dos MCIs e dos Esquemas Imagéticos (EI), que demonstram como estruturas corporais e culturais fundamentam os processos de categorização (Lakoff, 1987; Johnson, 1987).

Leite (2014) observa que, embora a cognição seja reconhecida como corporificada, autores como Lakoff (1987) e Varela, Thompson e Rosch (2003 [1991]) enfrentaram dificuldades em integrar plenamente as práticas sociais em seus modelos, permanecendo em uma perspectiva endógena. Isso manteve o foco inicial da discussão na LC em fatores biológicos, negligenciando a influência das interações sociais e culturais na formação do pensamento.

Nesse sentido, Lave (1988) critica abordagens reducionistas das CC que desconsideram o comportamento real das pessoas por acreditarem que isso comprometeria o rigor metodológico. A autora propõe que a unidade de análise mais apropriada é a pessoa como um todo, envolvida em atividades concretas e contextualizadas. A partir de estudos comparativos entre práticas cotidianas e situações simuladas, Lave revela que as estratégias cognitivas reais são adaptativas e situadas, em contraste com os modelos tradicionais.

Contribuindo para essa discussão, Tomasello (1999) destaca que a interação mediada pela linguagem é central para a cognição humana. O ser humano possui a capacidade única de se perceber partilhar intenções e desenvolver ações conjuntas através do outro. Ele defende que as construções linguísticas abstratas são a base da criatividade linguística nas crianças. Cada criança precisa elaborar essas construções individualmente, distinguindo-as a partir das falas de usuários mais experientes. Tais construções combinam a aprendizagem de estruturas linguísticas culturalmente convencionais com habilidades cognitivas individuais, como categorização e formação de esquemas.

Por fim, Barsalou (1999) amplia essa abordagem ao propor a noção de *categorização situada*, na qual o significado emerge da ativação de inferências específicas baseadas na experiência prévia, aplicadas de modo contextual para orientar as interações com seres de uma categoria. Essa perspectiva, confirma o sentido de que a categorização ocorre com base em experiências corporificadas e socialmente ancoradas, sendo dependente do contexto e ajustada à interação entre sujeito e ambiente. Por isso, é considerada funcional e flexível, já que responde às demandas práticas de cada situação comunicativa e cognitiva. Na LC categorizar é precipuamente agir no mundo, que resulta em construir sentido a partir da ação situada, da percepção corpórea e das circunstâncias imediatas em que o sujeito está engajado.

ABORDAGENS DA COGNIÇÃO CORPORIFICADA RELEVANTES À LINGUÍSTICA COGNITIVA

A partir da década de 1980, desenvolveu-se abordagens emergentes para ampliar a compreensão sobre a mente humana, considerando a interação dinâmica entre mente e corpo. Entre as perspectivas que primeiro se desenvolveu está a Teoria da Cognição Situada (CS) influenciada por correntes fenomenológicas e pelos avanços das CC. Esta concebe a cognição como enraizada no contexto físico, social e cultural (Lave, 1988; Barsalou, 1999). Nisso, Clancey (1997) define a CS como um mecanismo de acoplamento direto entre percepção, concepção e movimento:

A teoria da cognição situada, conforme apresento aqui, afirma que todo pensamento e ação humanos são adaptados ao ambiente, ou seja, situados, porque o que as pessoas percebem, como concebem sua atividade e o que fazem fisicamente se desenvolvem juntos... Da mesma forma, no raciocínio, ao criarmos nomes para as coisas, reorganizarmos frases em um parágrafo e interpretarmos o significado de nossas declarações, cada etapa é controlada não pela aplicação mecânica de descrições gramaticais e planos previamente armazenados, mas pela reordenação adaptativa de formas anteriores de ver, falar e se mover. Toda ação humana é, pelo menos parcialmente, improvisada por meio do acoplamento direto entre percepção, concepção e movimento – um mecanismo de coordenação não mediado por descrições de associações, leis ou procedimentos (Clancey, 1997, p. 1-2, tradução própria)¹⁰.

Nessa perspectiva, o conhecimento é dinâmico tanto na sua formação quanto no seu conteúdo, surgindo da ação do sujeito em interação com o ambiente. Aprender e pensar são processos corporificados e contextualmente situados. Lave e Wenger (1991, p. 53) definirem que: "A cognição situada enfatiza que o conhecimento não é um produto abstrato, mas sim uma relação dinâmica entre o indivíduo e o ambiente". Esse enfoque destaca o caráter negociado do significado e propõe que toda atividade é situada ao enfatizar o indivíduo como um ser integral, que percebe, age, interage e constrói conhecimento.

Leite (2014) complementa essa visão ao explanar sobre a construção da significação:

O pressuposto de que através da representação formal-simbólica e da mediação linguística temos acesso aos modos de construção do sentido torna-se, portanto, inadequado quando postulamos a interação social e os processos cognitivos de mesclagem, integração e compressão de relações conceptuais, como fundamentos da atividade de conceptualização. Desse modo, a hipótese mais apropriada seria aquela que concebe o uso social da língua, e não suas estruturas, como fundamental nos

¹⁰ The theory of situated cognition, as I present it here, claims that every human thought and action is adapted to the environment, that is, situated, because what people perceive, how they conceive of their activity, and what they physically do develop together... Similarly, in reasoning, as we create names for things, shuffle around sentences in a paragraph, and interpret what our statements mean, every step is controlled not by rotefully applying grammar descriptions and previously stored plans, but by adaptively recoordinating previous ways of seeing, talking, and moving. All human action is at least partially improvisatory by direct coupling of perceiving, conceiving, and moving - a coordination mechanism unmediated by descriptions of associations, laws, or procedures.

processos de significação, organizando o sentido na forma de enquadres e esquemas recorrentes, ao invés de pacotes conceptuais dados a priori (Leite, 2014, p. 72).

Esse entendimento enfatiza que os significados emergem das práticas sociais, sendo moldados pela experiência coletiva e não apenas por estruturas linguísticas formais. A CS, assim, parte do princípio de que todo fenômeno cognitivo é um ato experiencial (Varela; Thompson; Rosch, 2003 [1991]). Smith e Collins (1989), Lave (1988) e Barsalou (1999) também confirmam que os processos cognitivos são inseparáveis dos contextos sociais e culturais em que se desenvolvem. Brown, Collins e Duguid (1989, p. 32) explicam que: “A cognição situada reconhece que o conhecimento é inseparável da atividade, do contexto e da cultura em que é desenvolvido e utilizado.”

A Teoria da Cognição Distribuída (CD), surgida a partir de 1980, e consolidada na década posterior por Hutchins (1995), representa um marco na evolução dos estudos cognitivos ao deslocar o foco da mente individual para um sistema cognitivo coletivo. O autor formula que a cognição é distribuída entre múltiplos agentes e elementos materiais. Esses elementos incluem os próprios indivíduos que compartilham conhecimento e responsabilidades, os artefatos físicos que armazenam e processam informações e o ambiente, cujas características oferecem *affordances*, ou oportunidades de ação, que influenciam e guiam o comportamento cognitivo (Hutchins, 1995).

Em continuidade às propostas de estudo tem-se a Teoria da Cognição Estendida (CE), que nasceu nos anos de 1990, foi formalizada por Clark e Chalmers (1998), ao relacionarem que os processos mentais não estão confinados ao cérebro, rodovia se estendem ao corpo e ao ambiente por meio de ferramentas, gestos e práticas culturais. Essa perspectiva é especialmente relevante para a LC, pois legitima a ideia de que o significado linguístico pode ser distribuído em artefatos, nas práticas de linguagem e em contextos sociais. A fundamentação teórica da CE está no *Princípio da Paridade*, segundo o qual, se uma parte externa do mundo funciona, no contexto de uma tarefa, como um processo cognitivo interno, essa parte deve ser considerada componente do sistema cognitivo (Clark; Chalmers, 1998).

Por fim, a Teoria da Cognição Culturalmente Engajada (CCE), que ganhou espaço no início dos anos 2000, amplia os horizontes das abordagens anteriores ao destacar o papel decisivo da cultura e das práticas sociais na constituição da cognição (Tomasello, 2014; Gallagher, 2005). Diferentemente das outras opostas teóricas, a CCE posiciona a cultura, manifestada em ferramentas simbólicas como a linguagem, os sistemas de escrita, os mapas e os números, como componente estrutural da cognição. Além disso, destaca a importância das práticas sociais, normas e instituições, que organizam a transmissão e transformação do conhecimento, bem como a participação em comunidades nas quais o aprendizado e a cognição são processos socialmente incorporados (Gallagher, 2005; Tomasello, 2014). A CCE, portanto, nos estudos da LC, propõe uma visão holística que integra aspectos biológicos, psicológicos, sociais e culturais, mostrando como categorias cognitivas são moldadas por processos e estruturas culturais internalizadas.

Essas propostas no campo dos estudos cognitivos confirmam a superação do paradigma individualista clássico e favorecem a expansão da LC como ciência cognitiva. A cognição passa a ser compreendida como um sistema sociofísico, no qual o conhecimento é inseparável do contexto em que é produzido e utilizado. Destaca-se a integração funcional entre mente e ambiente e se enfatiza a dimensão cultural e social como constitutiva da cognição. Juntas, essas abordagens oferecem um arcabouço teórico produtivo para a investigação contemporânea da mente humana, pautado na interconexão entre corpo, ambiente, cultura e prática social.

CAMINHOS DA LINGUÍSTICA COGNITIVA

Desde sua consolidação nas décadas de 1980 e 1990, a LC tem passado por um processo contínuo de expansão teórica e metodológica. O aprofundando de seu vínculo com outras CC trouxe propostas que consideram o corpo, o ambiente e as práticas sociais como partes integrantes dos processos linguísticos. Esse deslocamento fortaleceu a natureza interdisciplinar, experiencial e ecológica com sua vinculação a outras áreas do saber.

A LC não é uma teoria fixa ou homogênea, mas um paradigma teórico, flexível e em constante desenvolvimento, composto por diversas abordagens que compartilham pressupostos fundamentais sobre a natureza da linguagem e da cognição. Esse painel permitiu à LC articular-se com diferentes ramos dentro das CC: como a Psicologia Cognitiva, a Neurociência, a Antropologia Cognitiva, a Filosofia da mente, as Ciências da Computação, a Inteligência Artificial, promovendo um diálogo de ampliação de suas fronteiras conceituais que ilustram a diversidade de propostas que compõem esse paradigma. Essas vertentes, ainda que distintas em seus focos analíticos, se complementam e convergem na valorização da experiência como fundamento do significado. Essa integração tem favorecido a formulação de modelos teóricos mais sensíveis às relações entre cognição, cultura e ambiente. Nesse movimento, a LC amplia seus horizontes ao incorporar novas ferramentas teóricas e metodológicas.

Os estudos mais recentes em Psicologia Cognitiva têm se afastado dos modelos clássicos de caráter simbólico para adotar modelos mais dinâmicos. Pesquisadores como Barsalou (1999) e Tomasello (1999) destacam que o pensamento, a memória e a linguagem são atividades influenciadas pelas experiências corporais e pelas práticas sociais.

A Neurociência Cognitiva ligada à LC investiga a base neural dos processos linguísticos, mapeando como estruturas cerebrais se envolvem na produção e compreensão da linguagem. Pesquisas de fMRI e EEG¹¹ ao identificar ativações relacionadas a metáforas corporificadas reforçam a tese de que a linguagem metafórica ativa circuitos motores e sensoriais, demonstrando empiricamente a relação entre linguagem e corpo (Gibbs 2005; Bergen (2012). Esses estudos também têm colaborado com as ciências médicas ao aprofundar a compreensão dos processos linguísticos em doenças como a afasia, Alzheimer, demência e câncer.

Vinculada à LC a Antropologia Cognitiva, enquanto campo interdisciplinar, busca compreender como o pensamento humano é moldado pelas práticas culturais e pelas interações sociais

¹¹ fMRI (Ressonancia magnética funcional) e EEG (Electroencefalograma) são duas técnicas de neuroimagem amplamente utilizadas nas Ciências Cognitivas e na Neurociência para estudar o funcionamento do cérebro.

em contextos específicos. Bloch (2012) corrobora essa perspectiva ao afirmar que a cognição humana não pode ser compreendida de forma dissociada de suas molduras sociais e históricas. Para o autor, é fundamental articular os processos mentais aos contextos de ação e linguagem, reconhecendo que os modelos mentais que orientam o pensamento estão sempre imbricados em sistemas de crenças, normas e afetos.

Nessa direção, estudos como os de Semino (2008, 2011) e Littlemore (2015), que partem da análise de processos cognitivos em discursos reais, demonstram que metáforas e outras formas de expressão linguística são moldadas por modelos culturais e experiências compartilhadas (Geeraerts, 2006; Kövecses, 2005, 2017). Em especial, os estudos sobre categorização linguística têm enfatizado a noção de modelos cognitivos culturalmente situados, que correspondem a estruturas compartilhadas de conhecimento que orientam as formas pelas quais os membros de uma comunidade percebem, organizam e interpretam o mundo, incorporando valores, práticas sociais, metáforas dominantes, hábitos linguísticos e experiências coletivas. Estudos nessa proposta influenciam as pesquisas em aspectos estruturais da língua do léxico à gramática.

Compreender tais modelos é, portanto, importante para entender como a linguagem reflete, naturaliza e perpetua visões de mundo socialmente construídas. Nesse contexto, a análise da polissemia torna-se também um foco, pois, segundo Tyler e Evans (2003), os múltiplos significados de uma palavra não representam uma simples ambiguidade, mas formam uma rede coerente de sentidos relacionados, organizada por meio de processos cognitivos como extensão radial, esquemas imagéticos e metáforas culturais. Esses estudos estendem-se a campos como a semiótica cultural, a pragmática cognitiva e a etnografia linguística, o que permite à LC abordar uma diversidade de práticas discursivas, inclusive em contextos de oralidade, comunidades tradicionais e culturas não-ocidentais.

A relação entre a LC, Ciências da Computação e Inteligência Artificial (IA) tem se intensificado através dos avanços teóricos e aplicações tecnológicas centradas no processamento da linguagem natural. Essa aproximação responde à crescente demanda por sistemas capazes de compreender, gerar e interagir linguisticamente com seres humanos de forma cada vez mais eficaz.

Um dos principais pontos de convergência entre esses campos está no Processamento de Linguagem Natural (PLN), área que desenvolve algoritmos para o entendimento e a produção da linguagem humana por sistemas computacionais. Inicialmente baseado em estruturas sintáticas rígidas, o PLN tem sido enriquecido por abordagens cognitivas que introduzem modelos semânticos baseados em protótipos, metáforas conceptuais e contextos de uso. Autores como Barnden (2008) exploram a aplicação de metáforas e esquemas imagéticos em sistemas computacionais, defendendo que esses mecanismos são essenciais para representar o significado de forma mais sensível às variações culturais e contextuais da linguagem. Segundo o autor, a vinculação desses processos é relevante para desenvolvimento de sistemas de IA mais eficazes em simular o raciocínio humano e operar com níveis mais profundos de compreensão semântica.

Essa perspectiva se concretiza, por exemplo, na *Neural Theory of Language* (NTL), desenvolvida principalmente por Lakoff, Feldman e Narayanan na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Em *From Molecule to Metaphor* (Feldman, 2006), os autores propõem que os sistemas de IA devem simular os circuitos neurais responsáveis pelo raciocínio metafórico, baseando-se em simulações sensório-motoras e na cognição incorporada. Nesse sentido, o trabalho de Narayanan (1997), com o modelo computacional *Shruti*, demonstrou como redes neurais podem aprender a transferir inferências entre domínios, demonstrando os mecanismos que sustentam a emergência metafórica na cognição.

A TMC foi uma das bases da LC, desde sua formulação por Lakoff e Johnson (2002 [1980]), contudo, a metonímia conceptual também vem ganhando destaque como um processo cognitivo importante na produção de sentido. Estudos como o de Goatly (1997), Kövecses e Radden (1998), e

de Littlemore (2015) são relevantes por sistematizarem os tipos de relações metonímicas e suas funções cognitivas. Já, os estudos de Barcelona (2000, 2003) contribuíram para o entendimento da metonímia tanto como um processo motivador de construções linguísticas quanto como um elemento estrutural nos processos de categorização e extensão semântica.

Perspectivas da LC encontram também aplicações práticas na área da aquisição e ensino de línguas. Pesquisas como as de Langacker (2008) e Achard e Niemeier (2004) mostram que aprendizes constroem o conhecimento linguístico com base em modelos mentais pré-existentes, metáforas cognitivas e esquemas imagéticos. Esse entendimento fundamenta práticas pedagógicas que valorizam o corpo, a cultura e a experiência na construção do sentido.

Entre as tendências metodológicas, destaca-se o crescimento de estudos empíricos voltados para o uso da linguagem em contextos reais, com o uso de análise de discurso baseada em *corpus* (Semino, 2008; Kövecses, 2019), tarefas experimentais e protocolos de verbalização (SEmino, 2008; Gibbs, 2011; Evans, 2019). Essas abordagens refletem a ampliação da LC ao promover investigações que articulam dados linguísticos com evidências comportamentais e cognitivas.

Além disso, observa-se um crescente interesse por métodos mistos, que combinam análises qualitativas e quantitativas na investigação da metáfora, da metonímia, da categorização e de outros fenômenos linguístico-cognitivos. Técnicas como *priming experimental*¹², análise estatística de grandes *corpora* e estudos de leitura controlada (Gibbs, 2011; Bergen, 2012; Littlemore, 2015; Kövecses, 2015, 2020), têm sido empregadas para explorar, por exemplo, o processamento de expressões metafóricas em diferentes contextos.

Esses estudos tanto enriquecem os modelos teóricos da linguagem, como também impulsionam o desenvolvimento de práticas mais sensíveis e eficazes para o processamento e ensino da

¹² É uma técnica utilizada nas Ciências Cognitivas e na Psicologia Experimental para investigar como a exposição prévia a um estímulo influencia a resposta a um estímulo subsequente, geralmente sem que o participante tenha consciência dessa influência. Trata-se de preparar a mente para responder de determinada forma.

língua, refletindo a complexidade do uso linguístico na cognição e na interação social. A contínua incorporação de métodos empíricos e experimentais fortalece esse campo em expansão, abrindo caminho para novas descobertas e aplicações inovadoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou refletir sobre o percurso histórico e epistemológico que levou à consolidação da LC como um campo teórico sensível à inseparabilidade entre mente, corpo e mundo. Ao retomar as principais concepções filosóficas sobre a cognição e os modelos linguísticos que marcaram a modernidade científica, foi possível discutir como a herança do dualismo cartesiano estruturou por longo tempo as formas de compreender o conhecimento, a linguagem e a experiência.

A partir da crítica a esse paradigma, especialmente com o advento das CC e, mais especificamente, da *Segunda Revolução Cognitiva*, a LC emerge como uma abordagem que recoloca o corpo no centro dos processos mentais, propondo uma concepção de cognição corporificada, demonstrando que a linguagem não é uma estrutura autônoma, porém uma prática mediada e orientada pela experiência.

As novas trilhas da LC, ao dialogarem com múltiplas abordagens, ampliam seu escopo teórico e metodológico, tornando-a capaz de compreender a linguagem em sua complexidade ecológica e relacional. Nisso se sobressai os estudos de cognição com suas propostas teóricas relacionando os processos cognitivos a partir da interação dinâmica entre sujeito, corpo, ambiente, práticas sociais e culturais.

A inserção de perspectivas relacionadas a outros campos do saber reforça ainda mais a ideia de que os processos linguísticos se constroem em interação com o ambiente e práticas sociais. Mais do que uma teoria linguística, a LC contribui para uma reconceitualização da própria racionalidade humana, questionando a ideia de um sujeito abstrato e universal, e abrindo espaço para uma visão plural e situada da significação.

Tais contribuições também se refletem nos estudos de temas como a categorização linguística, a polissemia e os mecanismos de extensão de sentido. A presença da metáfora conceptual como estrutura cognitiva relevante permanece presente, mas é ampliada pela atenção crescente à metonímia conceptual, aos modelos cognitivos, aos esquemas imagéticos, à mesclagem conceitual, dentre outros processos reconhecidos como igualmente estruturantes na produção de significados.

Além disso, entre as tendências metodológicas contemporâneas, observa-se o crescimento de estudos empíricos, com uso de análise de discurso baseada em *corpus*, experimentos cognitivos e dados de neuroimagem, o que fortalece o vínculo entre teoria e prática. A LC também se beneficia do diálogo com áreas afins contribuindo para o desenvolvimento de tecnologias linguísticas mais sensíveis ao funcionamento real da linguagem humana.

Essas abordagens têm incorporado reflexões sobre emoções e afetos como dimensões importantes da conceptualização, abrindo espaço para uma visão ampliada da cognição que inclui estados subjetivos e relações interpessoais na construção de sentido. Assim, os objetivos deste estudo foram alcançados ao propor que a LC oferece referenciais à superação do modelo mentalista e desincorporado da linguagem, permitindo compreender os fenômenos linguísticos como expressões de uma mente situada em um corpo que sente, age e interage no mundo. Ao recuperar essa articulação entre mente e corpo, entre linguagem e experiência, a LC reafirma sua relevância no cenário contemporâneo das CC fornecendo uma abordagem integrada, interdisciplinar e comprometida com a complexidade da experiência humana.

REFERÊNCIAS

- ACHARD, M; NIEMEIER, S (Org.). *Cognitive linguistics, second language acquisition, and foreign language teaching*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004.
- BARCELONA, P. *Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000.

BARCELONA, P. On the plausibility of claiming a metonymic continuum. *Cognitive Linguistics*, v. 14, n. 2–3, p. 183–218. Jan/2003. doi: 10.1515/9783110894677.31

BARNDEN, J. Metaphor and artificial intelligence: Why they matter to each other. In: GIBBS, R, W. Jr. (Ed.). *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 311–328. doi: 10.1017/CBO9780511816802.020

BARSALOU, L, W. Situated conceptualization. In: COHEN, H; LEFEBVRE, C.(Eds.) *Handbook of Categorization in Cognitive Science*. Amsterdam; Londres: Elsevier, 1999. p. 52–63. <http://dx.doi.org/10.1016/B978-008044612-7/50083-4>.

BERGEN, B, K. **Louder Than Words:** The New Science of How the Mind Makes Meaning. New York: Basic Books, 2012.

BLOCH, M. **Anthropology and the cognitive challenge**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. <https://doi.org/10.1017/CBO9781139020008>

BROWN, J. S.; COLLINS, A.; DUGUID, P. Situated cognition and the culture of learning. *Educational Researcher*, v. 18, n. 1, p. 32–42, jan./fev. 1989. doi: 10.3102/0013189X018001032.

CLARK, A; CHALMERS, D. **The extended mind. Analysis**, v. 58, n. 1, p. 7–19, 1998. doi: 10.1093/analys/58.1.7.

CLANCEY, W, J. Comparing human and computer knowledge. In: CLANCEY, William J. **Situated cognition:** on human knowledge and computer representations. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p. 1–26.

EVANS, V. **Cognitive linguistics:** a complete guide. 2. ed. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2019.

FAUCONNIER, G; TURNER, M. **The way we think:** conceptual blending and the mind's hidden complexities. New York: Basic Books, 2002.

FELDMAN, J, A. Metaphor and meaning. In: FELDMAN, J, A. **From molecule to metaphor:** a neural theory of language. Cambridge, MA: MIT Press, 2006. doi: <https://doi.org/10.7551/mitpress/3135.003.0024>.

FELTES, H, P, de M. Embodiment in Cognitive Linguistic: From Experientialism to Computational Neuroscience. *Revista D.E.L.T.A: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*: Especial, p. 503-533, 2010. <https://doi.org/10.1590/S0102-44502010000300006>.

FERRARI, L, V. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FERRARI, L., V. PINHEIRO, D. Linguística Funcional, Linguística Cognitiva e Gramática de Construções: mapeando o campo das abordagens cognitivo-funcionais. **Revista Linguística**. Rio de Janeiro, v. 16, p. 595-621, nov. 2020. doi: 10.31513/linguistica.2020.v16nEsp.a21492.

FILLMORE, C. J. Frame semantics. In: The linguistic society of Korea (ed.). **Linguistics in the morning calm**. Seoul: Hanshin Publishing Co., 1982. p. 111-137.

GALLAGHER, S. **How the Body Shapes the Mind**. Oxford: Clarendon Press, 2005.

GEERAERTS, D. Cultural models of linguistic standardization. In: GEERAERTS, D. **Words and other wonders: papers on lexical and semantic topics**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006. p. 272–306. DOI: 10.17684/i3A36en.

GIBBS, R. W. **Embodiment and cognitive science**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511805844>.

GIBBS, R. W. Metaphor and thought: The state of the art. In: GIBBS, Raymond W. (ed.). **The Cambridge handbook of metaphor and thought**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. p. 3–14.

GOATLY, A. **The Language of Metaphors**. London: Routledge, 1997.

HUTCHINS, E. **Cognition in the Wild**. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

KANT, I. Estética transcendental e analítica dos conceitos. In: KANT, I. **Crítica da razão pura**. Tradução de Luiz Roberto Dante. 4. ed. São Paulo: Ícone, 2006. p. 55–128.

JOHNSON, M. **The body in the mind**: The bodily basis of meaning, imagination, and reason. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

KÖVECSES, Z; RADDEN, G. Metonymy: developing a cognitive linguistic view. **Cognitive Linguistics**, v. 9, n. 1, p. 37–77, jan/1998. DOI: 10.1515/cogl.1998.9.1.37.

KÖVECSES, Z. **Metaphor and culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

KÖVECSES, Z. **Where metaphors come from**: reconsidering context in metaphor. Oxford: Oxford University Press, 2015. DOI: 10.1093/acprof:oso/9780190224868.001.0001.

KÖVECSES, Z. **Levels of metaphor**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

KÖVECSES, Z. **Ten lectures on figurative meaning-making**: the role of body and context. Leiden; Boston: Brill, 2019. DOI: 10.1163/9789004364905.

KÖVECSES, Z. **Extended Conceptual Metaphor Theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. (Coordenação da Tradução Mara Sophia Zanotto) Campinas, SP: SP: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2002.

LAKOFF, G. Categories and cognitive model. In: LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987. Parte 1, p. 5–150.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh**: the embodied mind and its challenge to Western thought. New York: Basic Books, 1999.

LANGACKER, R. W. Fundamental concepts. In: LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar**: theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1983. p. 3-64.

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar**: Descriptive application. Volume 2. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. W. Conceptual semantics. In: LANGACKER, R. W. **Cognitive grammar**: a basic introduction. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. 27-71.

LAVE, J. **Cognition in practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

LAVE, J.; WENGER, E. **Situated learning**: legitimate peripheral participation. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

LEITE, J. E. R. Cognição e semântica: da representação formal à conceptualização. In: MACEDO, A. C. P.; FELTES, H. P. M.; FARÍAS, E. M. P. (Org.). **Cognição e linguística**: explorando territórios, mapeamentos e percursos. Porto Alegre: Edipucrs, 2014.

LITTLEMORE, J. **Metonymy**: hidden shortcuts in language, thought and communication. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NARAYANAN, Sriniv. **KARMA: knowledge-based active representations for metaphor and aspect**. Ph.D. Dissertation, Computer Science Division, University of California, Berkeley, 1997.

PELOSI, A. C. Cognição e linguística. In: MACEDO, A. C. de; FELTES, H. P. de M; FARIAS, E. M. P. (Orgs.). **Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos.** 2. ed. Caxias do Sul: Educs, 2014. p. 8–28.

ROSCH, E. Principles of categorization. In: ROSCH, E; LLOYD, B. B. (Orgs.). **Cognition and categorization.** Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1978. p. 27–48.

SALOMÃO, M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Veredas: revista de estudo linguístico, Juiz de fora, v. 3, n. 1, p. 61-79, 1999.**

SEMINO, E. **Metaphor in discourse.** Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

SEMINO, E. Metaphor, genre, and recontextualization. In: SEMINO, E.; DEMJÉN, Z. (Eds.). **The Routledge handbook of metaphor and language.** London: Routledge, 2011.

SILVA, A, S, da. A Linguística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. **Revista Portuguesa de Humanidades, Braga, v. 1, n. 1-2, p. 59-101, 1997.**

SILVA, A, S, da; BATORÉO, H. J. Gramática cognitiva: estruturação conceptual, arquitetura e aplicações. In: BRI-TO, A. M. (Org.). **Gramática: história, teorias, aplicações.** Porto: Universidade do Porto, 2010.

SMITH, E, R.; COLLINS, E, C. Situated cognition. In: BARRETT, Lisa Feldman; MESQUITA, Batja; SMITH, Eliot R. (Eds.). **The mind in context.** New York: Guilford Press, 1989. p. 126–145.

THOMPSON, E. Enactive approach. In: THOMPSON, E. **Mind in life:** biology, phenomenology, and the sciences of mind. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2007. p. 3-88.

TOMASELLO, M. **The cultural origins of human cognition.** Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999.

TOMASELLO, M. Cultural Learning and Cultural Cognition: What Humans Do Differently. **Human Development, v. 57, n. 6, p. 337–349, 2014.**

TYLER, A; EVANS, V. **The semantics of English prepositions:** spatial scenes, embodied meaning and cognition. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511486517>

VARELA, F.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. **A Mente Incorporada:** Ciências Cognitivas e Experiência Humana. Tradução: tradução de Maria Rita Secco Hofmeister. Porto Alegre: Artmed, 2003[1991].